

190

## Nações à deriva

EUNICE JACQUES \*

No último domingo, um grupo de índios no Brique da Redenção despertou minha curiosidade, menos pelo conjunto de homens, mulheres e crianças e mais pelos cestos coloridos que estavam vendendo. Pensei, vagamente, se seriam guaranis e igualmente considerarei que talvez fosse a confecção de balaios e outros pequenos utensílios, como tiaras e pulseiras, uma das manifestações que ainda restam de sua própria cultura. A lembrança desses vagos pensamentos me ocorreu ontem ao ler, neste jornal, que em 60 dias oito crianças caingangues com menos de três anos morreram no posto indígena de Rio da Várzea, município gaúcho de Rio Bonito. O médico Paulo Savaris disse que foi por desnutrição: há grande carência de proteína animal. As crianças deixam de consumi-la quando param de mamar.

O médico explicou que não há carne, leite ou ovos na dieta dos pequenos e a caça praticamente acabou na reserva. Ele ainda afirmou que pretende estimular os índios a "iniciar lavouras e criações".

Ignoro se o doutor Paulo é funcionário da Funai, que, por sua vez, parece ignorar características das tribos indígenas remanescentes no sul do país, e prefere direcionar esforços para os índios da Amazônia e outras regiões onde as comunidades dispõem de espaços e de natureza ainda preservada para a caça e a pesca que alimentam aquelas nações. Aqui, é

diferente. Aqui, as populações indígenas ficaram no meio do caminho: não se aculturaram e, igualmente, não preservaram as suas raízes. As suas terras foram invadidas ou arrendadas, o ócio atingiu a sua gente, que, com exceções, não sabe plantar, não tem ofício, sobrevive à deriva, desintegrada da nação e já não sendo mais uma própria nação. Os pais são incapazes de prover o sustento dos próprios filhos, como mostra a desnutrição que mata os indiozinhos.

❖  
**Quero dizer que  
há alguns fingindo  
existir uma  
política indigenista  
neste país**

E então se vêem absurdos caricatos como a reunião de caciques de nossas reservas em festa do Dia do Índio, todos com cocares coloridos certamente feitos de penas vindas de Manaus: eles não usam cocares há décadas e já nem tomam aguardente de aipim porque preferem a caninha engarrafada.

Quero dizer que há alguns fingindo que existe uma política indigenista neste país, porque persistem alguns mitos — como Raoni — embora se prefira esquecer alguns sociopatas, como o Paulinho Paíacan, e se encare como peça de folclore o périplo de Juruna por gabinetes de Brasília atrás de um emprego público.

*Jornalista, editora de Opinião/Z11*